

OMAR CATUNDA: alguns discursos publicados em jornais sobre os exames e provas dos alunos da Bahia¹

Eliene Barbosa Lima²

RESUMO

Neste artigo, analiso alguns discursos de Omar Catunda, publicados em jornais, sobre os exames e provas dos alunos da Bahia, no período de 1966 – quando Omar Catunda publicou os primeiros artigos sobre a implementação de uma reforma universitária que foi regulamentada em 1968 – até o ano de 1976, ano de sua aposentadoria compulsória. Nesse intento, fiz uso prioritariamente de artigos publicados em jornais pelo próprio Catunda e de um debate teórico e metodológico voltado para os discursos sobre a prática abordado por Chartier (1996). Nesses termos, pela análise realizada, considero que Catunda continuou ministrando suas aulas conforme os seus ideais sobre universidade, ensino e pesquisa, independentemente dos rendimentos dos alunos nas provas e exames. Não raras vezes, ele interpretava, parecendo legislar em causa própria, que as dificuldades de compreensão dos alunos, em relação aos conhecimentos matemáticos, eram provenientes de um ensino primário lacunar e/ou da falta de interesse de fazer uma apropriação da linguagem matemática formal utilizada pelo professor.

Palavras-chave: Omar Catunda. Provas e Exames. Conhecimentos Matemáticos.

INTRODUÇÃO

Era janeiro de 1963 quando Omar Catunda (1906-1986) transferiu-se definitivamente para a Bahia, após uma longa jornada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP). O início deu-se em 1934 como assistente do matemático italiano Luigi Fantappiè na cadeira de Análise Matemática (LIMA, E., 2006).

¹ Este artigo foi desenvolvido no âmbito do Projeto de Pesquisa intitulado “Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980”, financiado pelo CNPQ, mediante aprovação no Edital da Chamada Universal MCTI/CNPQ n. 01/2016. Aproveito, ainda, para agradecer a Denise Medina de Almeida França e Inês Angélica Andrade Freire pelas críticas e sugestões a esse texto.

² Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.
E-mail: elienebarbosalima@gmail.com

Experiente e “Considerado pelos ‘experts’ da matéria como um dos mais categorizados matemáticos da América Latina [...]” (CATUNDA, 1966, [n.p.]), Omar Catunda começou a sua relação com a Bahia, em 1955, ao participar do I Congresso Nacional de Ensino da Matemática no Curso Secundário, organizado pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia³ (FFUBA). O evento foi idealizado pela professora de Didática Especial da Matemática, Martha Maria de Souza Dantas (1925-2011), motivada em discutir o ensino de matemática, tendo em conta temas como: currículos, programas e metodologias (LIMA, A., 1985; FREIRE; LANDO; LIMA, E., 2010; DIAS et al., 2013). Na ocasião, além de Martha Dantas, Catunda conheceu também a recém-formada do curso de matemática da FFUBA Arlete Cerqueira Lima, que se tornou sua bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas⁴ (CNPq) na USP em dois períodos diferentes em 1957 e em 1959. O mote para o trabalho foi a constatação de que existia uma grande disparidade entre o ensino de matemática da FFUBA e o da FFCL/USP, nesta última, notadamente, voltado para as teorias ditas modernas da matemática⁵. Inicia-se, assim, o entrelace da vida profissional de Omar Catunda com Martha Dantas – no âmbito de trabalhos direcionados para a escola secundária – e Arlete Cerqueira Lima, em atividades desenvolvidas quase exclusivamente na dimensão do ensino superior (FREIRE; LANDO; LIMA, E., 2010; DIAS et al., 2013).

Aposentado pela USP e atraído pelas amizades construídas em solo baiano, Omar Catunda buscou dar a sua “modesta contribuição” para o desenvolvimento científico da Bahia (CATUNDA, 1975, [n.p.]), transparecendo, em sua memória construída na maturidade, que tal decisão foi uma sucessão natural de acontecimentos, isto é, como se não tivesse ocorrido incertezas, (BOURDIEU, 1996; LEVI, 1996). Neste sentido, fez a seguinte afirmação: “Antes de conhecê-la, desde a meninice até a idade madura, eu já amava a Bahia, esta Cidade lendária que hoje se chama Salvador.” (CATUNDA, 1975, [n.p.]). Contudo, de acordo com Dias (2002), em um momento pouco anterior, Omar Catunda, justificando ter uma vida bem assentada em São Paulo, recusou o convite do

³ A partir de 1965 a Universidade da Bahia foi nomeada Universidade Federal da Bahia.

⁴ Na época, denominado Conselho Nacional de Pesquisas.

⁵ Refiro-me a matemática que começou a ser constituída a partir do séc. XIX por meio de uma série de transformações, mudanças, inovações, afetando, de um modo geral, tanto a sua organização profissional, os seus fundamentos epistemológicos e metodológicos, bem como a estruturação das suas subáreas de conhecimento, tendo fortes repercussões nos próprios resultados da produção do conhecimento matemático. (LIMA; DIAS, 2010a, 2010b).

ainda reitor Edgard Rêgo Santos (1894-1962) da UBA para assumir a direção do Instituto de Matemática e Física (IMF).

Em São Paulo, na memória de alguns de seus ex-alunos, Catunda, se por um lado, foi lembrado como um bom professor, por ter um vasto conhecimento que transcendia os domínios da matemática, mas também, pela sua dedicação, disponibilidade e personalidade humanística; por outro, foi destacado pelo seu alto índice de reprovação nas disciplinas que lecionava. (LIMA, E.; DIAS, 2010c). Por exemplo, Pedro Alberto Morettin, que fora aluno do curso de matemática da USP no período de 1960 a 1963, afirmou que:

O professor Catunda dava aulas de Análise Matemática, um curso muito difícil [...] Interessante que quando ele dava aulas, praticamente não escrevia na lousa, ficava falando, falando, mais parecia um professor de Filosofia do que de Matemática. Lembro que no começo do ano éramos em média 60 alunos, mas no fim passavam uns 5; nas provas, a maioria era reprovada. Era um excelente professor.

(MORETTIN, 1998, p.97 apud SILVA, 2000, p. 14)

Estabelecido na Bahia, Catunda não se distanciou dessa realidade, desde o período em que assumiu imediatamente a chefia do Departamento de Matemática do IMF, perpassando, logo depois, em setembro de 1963, pela sua direção, tornando-se um dos idealizadores do curso de mestrado em matemática da Universidade Federal da Bahia, criado em 1968, até a sua aposentadoria como professor titular no ano de 1976.

A partir dessa primeira aproximação às referências acadêmicas e docentes de Omar Catunda, este texto tem por objetivo analisar alguns discursos de Omar Catunda, publicados em jornais, sobre os exames e provas dos alunos da Bahia, no período de 1966 – quando Omar Catunda publicou os primeiros artigos sobre a implementação de uma reforma universitária que foi regulamentada em 1968 – até o ano de 1976, ano de sua aposentadoria compulsória.

O INSTITUTO DE MATEMÁTICA

Não foi simples o início da materialização do hoje Instituto de Matemática da Universidade Federal da Bahia, na medida em que houve uma violenta rejeição dos catedráticos das escolas tradicionais da então UBA, que ministravam matemática em seus currículos, notadamente da escola politécnica, inclusive do curso de matemática da

Faculdade de Filosofia, quando tornou-se pública a proposta de “[...] fundação de um Centro de Estudos de Matemática que funcionasse paralelamente ao Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia” (LIMA, A., 1985, p.44).

Em face desse ambiente hostil e sentindo-se só, Arlete Cerqueira Lima, que havia recebido aval do reitor Edgard Santos, em 1960, para organizar o Instituto de Matemática, uniu-se ao físico Ramiro Porto Alegre Muniz, primeiro diretor da Escola de Geologia, e propuseram a criação de um instituto atrelado a duas áreas de conhecimento, isto é, a matemática e a física. Funda-se assim, em meados de 1960, o IMF, como resultado de uma forte articulação formada pelo reitor Edgard Santos, pelos professores da FF, quais sejam, Arlete Cerqueira Lima, Ramiro Muniz e a própria Martha Dantas e, ainda, por Omar Catunda e Leopoldo Nachbin (1922-1993), da USP e do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), respectivamente. Seu primeiro diretor, durante o período de 1960 a 1962, foi Rubens Gouveia Lintz, uma indicação de Leopoldo Nachbin. Catunda, assumiu a direção do IMF de 1963 a 1968, o qual foi desmembrado, neste último ano, mediante a Reforma Universitária, nos atuais Instituto de Matemática (IM) e Instituto de Física (IF).

Nesse novo contexto, Catunda não foi mantido na direção do reestruturado IM por Roberto Figueira Santos, reitor da UFBA no período de 1967 a 1971, filho de Edgar Santos. Para este posto, foi nomeada a professora Lolita Carneiro de Campos Dantas, pertencente a Escola Politécnica. (LIMA, A., 1985; DIAS, 2001, 2008). Isto se deu, conforme Dias et al. (2013, p. 293-294) “[...] muito provavelmente, pelas reconhecidas atividades e manifestações políticas que fizera ao longo de sua vida, suficientes para incluí-lo nas listas dos subversivos dos órgãos de segurança da ditadura, responsáveis pela seleção prévia de todos que ocuparam cargos diretivos em qualquer órgão público.”. De fato, ao longo de sua vida profissional, Catunda, por um lado, ainda no final da década de 1940 até a metade da década de 1950, teve como principal centro de interesse a participação em atividades de cunho político, tais como: defesa da paz mundial, campanha do “petróleo é nosso”, tornando-se inclusive, segundo o próprio Catunda (...) “[...] o primeiro presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo em S. Paulo [...]” (CATUNDA, *Memória autobiográfica*, [197-?], [n.p.]). Por outro, publicou, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, artigos manifestando suas opiniões sobre os problemas educacionais, envolvendo questões políticas e sociais, em um Brasil que vivia sobre a sombra de uma ditadura militar. Em tais artigos, ideologicamente, insistia que o

baixo nível cultural do povo brasileiro era devido a um sistema educacional precário, em particular o ensino superior, inviabilizando, por sua vez, a formação de profissionais altamente capacitados para resolver problemas de alta relevância tais como: a dependência das técnicas e capitais estrangeiros, a seca do nordeste e a proteção do espaço físico amazônico (LIMA, 2016). Em 1967, por exemplo, fez uma crítica, em um primeiro momento, às ações do Ministério da Educação que, na sua ótica:

[...] há muitos anos, a [sic] um esforço sincero [...] para resolver os problemas do ensino em nosso país, introduzindo novos métodos, organizando novas instituições, abrindo novos estabelecimentos, obrigando as escolas superiores a aceitar os ‘excedentes’, etc., etc, e no entanto, vemos, ante nossos olhos, o problema agrava-se de dia para dia.

(CATUNDA, 1967, [n.p.])

Depois, aos clamores da imprensa “[...] contra o excessivo rigor das bancas examinadoras de vestibulares e de admissão, assim como de outros concursos.” (CATUNDA, 1967, [n.p.]). Dessa forma, para Catunda, os examinadores, mediante candidatos mal preparados, se viam diante de um grande dilema:

- ou mantêm o rigorismo, enfrentando os clamores da imprensa e aprovando somente um número reduzido de candidatos – o que encarece o ensino e engrossa as fileiras dos que se apresentam nos anos subsequentes, até que o governo crie ou reconheça outros estabelecimentos menos exigentes [sic],

- ou cedem, abrindo as portas para o ingresso, em massa, de estudantes que não apresentam as condições mínimas de aproveitamento dos cursos. Esta solução tem sido adotada, mas os resultados são desastrosos: a presença de uma maioria de estudantes não habilitados para acompanhar as aulas faz inexoravelmente descer o nível do ensino, o que traz como consequência o abaixamento geral do nível técnico e profissional dos diplomados, particularmente daqueles que se dirigem para o magistério, sem ter a competência e a segurança necessárias para preparar os estudantes que deverão enfrentar novas bancas examinadoras. E nesse círculo vicioso vive o Brasil há muitos e muitos anos, o que não exclui, evidentemente, a existência, em nosso meio, de alguns expoentes da ciência e da técnica, cujo valor é reconhecido universalmente.

(CATUNDA, 1967, [n.p.])

Catunda foi contra esses argumentos, pois não atrelava os altos índices de reprovação nas provas e exames dos alunos do ensino superior pertencentes a Universidade Federal da Bahia, especialmente nos cursos que ministrava, ao excesso de rigor exigido, que para ele, era necessário na medida em que acreditava que uma universidade, deveria ser antes de qualquer coisa, um centro de pesquisas. Para tanto, produziu e difundiu esse

ponto de vista construindo uma representação de sua própria prática pedagógica, no sentido atribuído por Chartier⁶ (1988), em relação ao ensino de matemática, aqui, restrito ao nível superior. Isto porque, embora a prática, em si, realizada em outro espaço-tempo, não tenha mais possibilidade de ser reproduzida tal como aconteceu, é possível, ainda, alcançar alguns elementos de sua materialidade, conforme ponderou Chartier, debruçando-se sobre a “descrição arqueológica dos discursos” de Foucault, “[...] graças à decifração dos textos que as descrevem, prescrevem, proscovem [...], não implica, no entanto, identificar a lógica que as governam ou a ‘racionalidade’ que lhes dá forma com as que regulam a produção de discursos.”⁷ (CHARTIER, 1996, p.28, tradução nossa). Sob essa perspectiva, ainda sob a ótica de Chartier (1994), os discursos publicados de Catunda envolvendo a sua prática, conforme busquei detalhar um pouco mais adiante, não foram imbuídos de neutralidade.

OS RESULTADOS DAS PROVAS E EXAMES...

Passados três anos na Bahia, Omar Catunda, em 1966, mostrava-se ainda confiante nos rumos que estavam sendo articulados para o Instituto de Matemática e Física, que foi criado tendo como um de seus objetivos “colaborar no ensino de Matemática e Física nas diversas Faculdades da Universidade” (apud DIAS, 2008, p. 1054). Pois bem, em visita à redação da “A Gazeta”, após ter participado do V Congresso de Ensino de Matemática, que havia sido realizado em São José dos Campos, Catunda corroborou que tal objetivo, de certa forma, tinha sido alcançado ao dar a seguinte declaração:

O Instituto [...] quando do início de suas atividades, constituía mera reunião de interessados por Matemática Superior, que lá completavam os estudos iniciados na Faculdade de Filosofia. Com o passar do tempo, as Faculdades de Geologia, de Filosofia e Farmácia, reconhecendo a

⁶ Ao apresentar o seu conceito de cultura, Chartier (1994), imbricou nele três noções, quais sejam, representação – entendida como forma em que o indivíduo ou uma coletividade pensa a realidade que estão -, práticas - maneiras de fazer, de proceder, as quais dão sentido as representações e as apropriações que são feitas pelos indivíduos de si próprio e da realidade conforme lhes convém e; apropriação, que consiste nas diferentes maneiras que os objetos (materiais e/ou conceituais) são internalizados, objetivando a “[...] uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem.” (CHARTIER, 1988, p. 26).

⁷ “[...] gracias al desciframiento de los textos que las describen, prescriben, proscriben [...], no implica empero identificar la lógica que las gobierna o la ‘racionalidad’ que les da forma con las que gobiernan la producción de los discursos.

necessidade do IMFUB, integraram-se ao Instituto, requisitando seus membros para lecionar nas cadeiras de sua especialidade.

(CATUNDA, 1966, [n.p.])

No entanto, os encargos do curso de matemática passaram a ser assumidos pelo Instituto somente em 1968, com a efetiva promulgação da Reforma Universitária (DIAS, 2008).

Ainda, em 1969, não mais ocupando o cargo de direção do IM, Catunda manteve um discurso otimista em relação ao novo regime de trabalho da UFBA, em particular, do IM, o qual, na sua concepção, deveria proporcionar uma formação científica ao estudante do curso de matemática e de outros cursos que tinham disciplinas da matemática, para estes últimos, aprender, inclusive, as “matérias especializadas”. Para tanto, afirmou que: “[...] o estudante deve ter a sua mentalidade formada no exercício diário de raciocínios lógicos, de demonstrações de teoremas, na compreensão clara e rigorosa dos conceitos fundamentais de continuidade, limite, diferencial, integral, etc., que só um ensino sério da ciência Matemática pode fornecer.” (CATUNDA, 1969, p.7). Assim, concluiu:

O Instituto de Matemática dará o ensino básico dessa ciência – eventualmente em vários níveis de profundidade – para todos os estudantes das áreas que necessitam desse conhecimento. Haverá uma única biblioteca e os professores trabalhando no mesmo local, terão frequentes oportunidades de trocar idéias, tirar dúvidas, tomar parte em seminários e estimular mutuamente as suas pesquisas, aproveitando a presença de professores laureados com trabalhos científicos [sic] em andamento.

(CATUNDA, 1969, p.7)

Restringindo-me ao curso de matemática, numa breve análise, é possível perceber, a partir de seu conceito de universidade, que o olhar de Catunda voltava-se unilateralmente para o desenvolvimento da pesquisa, tendo como base o domínio de conteúdos matemáticos, que deveriam ser ensinados nas diversas disciplinas que faziam parte da grade curricular do curso. Para Catunda, esse domínio de conteúdos parece ter ficado, em sua ótica, em segundo plano, mediante os mecanismos de provas e exames que passaram a vigorar no âmbito do ensino superior. Este foi um ponto muito debatido por Catunda em seus discursos publicados, quando desiludiu-se sobre a Reforma Universitária ocorrida em 1968, evidenciando que fez escolhas, defendeu ponto de vistas, viveu dilemas, que mudaram ao longo de sua trajetória de vida profissional, ainda que em suas lembranças,

eternizadas em um escrito autobiográfico, transpareça ter havido sempre um objetivo predefinido (PALLARES-BURKE, 2005).

Para Catunda, o exame vestibular, meramente classificatório, por visar apenas o ingresso em massa da população ao ensino superior, atraiu milhares de estudantes que só eliminava “[...] alguns dos mais incapazes.” (CATUNDA, 1972, [n.p.]). Em outra publicação, já no ano de 1976, seguiu com afirmações similares, buscando mostrar, talvez, que o quadro não foi modificado depois de sete anos:

Para coroamento desse descabro educacional, exigiu-se, para aumentar, de qualquer maneira, a população universitária, que em todos os cursos superiores o exame vestibular seja meramente classificatório. Assim, se este exame faz alguma seleções [sic] nos cursos de engenharia ou medicina, onde o número de candidatos é bem maior que o de vaga, em outros, como, justamente, nos cursos destinados a formação de cientistas e professores, entram todos ou quase todos os inscritos, inclusive aqueles que tiraram nota zero nas matérias e que se pretendem dedicar.

(CATUNDA, 1976, p.16)

Assim, seguindo a sua linha de raciocínio acerca do papel da universidade, apesar de ponderar que o IM, seus professores, não tinham condições de resolver as “lacunas de conhecimento” dos alunos, defendeu que “[...] nenhum docente honesto pode aprovar os cinquenta ou sessenta por cento dos alunos que não conseguem aprender nem a quarta parte da matéria que ensina.” (CATUNDA, 1976, p.16). Algo que já acontecia no ano de 1972, ao mostrar um quadro um pouco pior. Neste sentido, Catunda afirmou que eram “[...] frequentes os casos de reprovação em massa, atingindo percentagens de 50 e até 90% e o que mais impressiona é o número sempre crescente de provas e exames finais que obtém o conceito SR (sem rendimento), equivalente a 0 ou 1, na escala antiga.” (CATUNDA, 1972, [n.p.]). Sob este contexto, sentenciou: “Tais provas revelam desconhecimento não só de matéria de ginásio, mas, frequentemente, do curso primário.” (CATUNDA, 1972, [n.p.]).

Essa realidade relatada por Catunda parece ter sido ancorada em sua própria prática, a qual foi corroborada pelos discursos de alguns de seus ex-alunos, conforme podemos observar na seguinte passagem de Fernando Sá, que fora seu assistente em 1970, que dentre outras atribuições, cabia-lhe:

[...] preparar os alunos para que os mesmos acompanhassem melhor as aulas do Prof. Catunda, já que o Prof. Catunda achava que não tinha de baixar o nível do seu curso, ou seja, dava o curso no nível que considerava ideal. O curso de Cálculo era bastante pesado [...] o aluno

... tinha que estudar muito [...] ele desenhava geometricamente muito bem, mas nem sempre era fácil entendê-lo.

(SÁ, 2005)

Para atingir esse objetivo, de acordo ainda com Sá (2005), Catunda insistia que os primeiros cursos dos alunos na graduação deveriam ser ministrados por professores mais experientes, evitando assim, a deformação dos alunos. Desse modo, já desfrutando de uma carreira reconhecida e sólida, “[...] apesar de as turmas serem numerosas, o Prof. Catunda fazia questão de ensinar o curso de Cálculo. Nesses cursos, [...] abordava as estruturas algébricas, números reais – a idéia do corte de Dedekind e se estendia até ao estudo da curvatura, evolutas, evolvente de curvas, ainda no primeiro semestre.” (SÁ, 2005). Tal ação parece reforçar, portanto, o discurso de Catunda – distanciado de uma suposta neutralidade, bem como entendeu Chartier (1994) – sobre como ele acreditava ser possível, se não solucionar, reduzir a falta de domínio dos conteúdos matemáticos dos alunos, na sua ótica, essenciais para uma boa formação do professor de matemática.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS...

Nesses termos, pela análise realizada, considero que Catunda continuou ministrando suas aulas conforme os seus ideais sobre universidade, ensino e pesquisa, independentemente dos rendimentos dos alunos nas provas e exames. Não raras vezes, ele interpretava, parecendo legislar em causa própria, que as dificuldades de compreensão dos alunos, em relação aos conhecimentos matemáticos, eram provenientes de um ensino primário lacunar e/ou da falta de interesse de fazer uma apropriação da linguagem matemática formal utilizada pelo professor. Portanto, ao canalizar o seu ponto de vista ao despreparo dos estudantes para fazer um curso superior, fez fortes críticas em relação à política de ampliação da escolaridade da população baiana em nível secundário, que se deu mediante o contexto do surto industrial ocorrido na década de 1960. Em síntese, Catunda não soube lidar com o jogo político de sua época ao externar, na maioria das vezes, sem uma devida diplomacia, as suas convicções educacionais, políticas e sociais, provocando descontentamentos, inclusive, não sendo benquisto entre alguns de seus colegas de trabalho, chegando a ser chamado, em certa reunião pedagógica, conforme o próprio Catunda (1973, [n.p.]), de “chato com mania de criticar...”.

De outra parte, tal análise, evidenciou sobre a necessidade de fazer novas interrogações sobre os ideais educacionais de Omar Catunda, em particular, para a formação do futuro professor de matemática no âmbito do ensino secundário. Ainda que não tenha sido este o foco do artigo, há alguns indícios, sinalizados no discurso de Catunda, que ele acreditava em uma formação sólida no curso de matemática somente por meio do domínio dos conteúdos matemáticos, ministrados nas rubricas disciplinares da matemática. Contribui, nesse sentido, o fato de que Catunda, ao defender um ensino de alto nível no âmbito superior, protestou contra a política de não reprovação no ensino primário e ginásial, bem como da excessiva preocupação existente na Faculdade de Educação, com a didática, que, na sua ótica, era colocada em primeiro plano em detrimento do domínio do conteúdo da matéria a ser ensinada.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

CATUNDA, O. Universidade –Bahia mostrará como fazer ensino superior. **A Gazeta**. São Paulo, 31 jan. 1966. Entrevista concedida a Gazeta.

CATUNDA, O. O ensino e a cátedra. **A Tarde**. Salvador, 22 jul. 1967. (Escrito Original).

CATUNDA, O. O ensino da Matemática na nova estrutura da Universidade. **A Tarde**. Salvador, p. 7, 23 jun. 1969. Arquivo do IMUFBA.

CATUNDA, O. Suicídio cultural. **A Tarde**. Salvador, 13 jan. 1972.

CATUNDA, O. Sobre a juventude universitária. **A Tarde**. Salvador, 12 maio 1973.

CATUNDA, O. Cara e coroa. **A Tarde**. Salvador, 17 jan. 1975.

CATUNDA, O. **Memória autobiográfica**. Trabalho não publicado, [197-?].

CATUNDA, O. Ainda sobre a tragédia do ensino. **A Tarde**. Salvador, p. 16, 10 jan. 1976.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII.** Brasília: Ed. UnB, 1994.

CHARTIER, R. La quimera del origen. Foucault, la ilustración y la revolución francesa. In: _____. **Escribir las prácticas: Foucault, de Certeau, Marin.** Buenos Aires: Manantial SRL, 1996. p. 13- 54.

DIAS, A. L. M. As fundadoras do Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p. 653-674, nov. 2000/feb. 2001.

DIAS, A. L. M. Engenheiros, Mulheres, Matemáticos: interesses e disputas na profissionalização da matemática na Bahia (1896 – 1968). 2002. 320 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

DIAS, A. L. M. O Instituto de Matemática e Física da Universidade da Bahia: atividades matemáticas (1960-1968). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p.1049-1075, out./dez. 2008.

DIAS, A. L. M. et al. Martha Dantas. In: VALENTE, W. R. (Org.). **Educadoras matemáticas: memórias, docência e profissão.** São Paulo: Livraria da Física, 2013. p. 261-297.

FREIRE, I. A. A.; LANDO, J. C., LIMA, E. B. Duas mulheres e uma trajetória: o processo de profissionalização docente e o ensino de matemática na Bahia (1948-1964). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2010, São Luís – MA. *Anais...São Luís-MA: Universidade Federal do Maranhão*, 2010, 1CD ROM, p. 1-17.

LEVI, G. Usos da Biografia. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. **Usos & abusos da história oral.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 167-182.

LIMA, A. C. Depoimento. **Cadernos do IFUFBA**, Salvador, ano I, n. 3, p. 36-53, jul. 1985.

LIMA, E. B. **Dos infinitésimos aos limites: a contribuição de Omar Catunda para a modernização da análise matemática no Brasil.** 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Instituto de Física, UFBA-UEFS, Salvador, 2006.

LIMA, E. B. Omar Catunda: venturas e desventuras de um passador cultural. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 16, n. 48, p. 445-465, maio/ago. 2016.

LIMA, E. B.; DIAS, A. L. M. Concepções modernas de rigor: Omar Catunda, Jacy Monteiro e o Movimento da Matemática Moderna no Brasil. In: FLORES, C.; ARRUDA, J. P. de (Org.). **A Matemática Moderna nas escolas do Brasil e de Portugal:**

contribuição para a história da educação matemática. São Paulo: Annablume, 2010a. p. 171- 184.

LIMA, E. B.; DIAS, A. L. M. O Curso de análise matemática de Omar Catunda: uma forma peculiar de apropriação da análise matemática moderna. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 211-230, jul./dez. 2010b.

LIMA, E. B.; DIAS, A. L. M. A Análise Matemática no Ensino Universitário Brasileiro: a contribuição de Omar Catunda. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro, v. 23, n. 35B, p.453-476, abr. 2010c.

PALLARES-BURKE, M. L. G. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: UNESP, 2005.

SÁ, F. **Entrevista concedida a Eliene Barbosa Lima**. Salvador, 09 set. 2005.

SILVA, C. M. S. da. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a formação de professores de matemática. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 23, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPEd, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/1925p_poster.PDF>. Acesso em: 25 jun. 2011.